

**“APRESSA-TE LENTAMENTE”:
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA ERA DA RAPIDEZ¹**

Este artigo nasce de uma Aula Inaugural para o Curso de Licenciatura em Dança da UFRN, a convite de Karenine Porpino. Em 2009. Nessa conversa com os estudantes, resolvi enfrentar o tempo, o tempo contemporâneo e o tempo arcaico das escolas e de muitas aulas de dança. Esse desafio é ainda maior hoje, pois o tempo cotidiano se esvai e se transforma nos espaços virtuais das redes sociais e da internet. Os estudantes vivem outras dimensões de tempo que muitas vezes não dialogam com as necessidades de tempo do aprendizado corporal, da construção da arte. Caso não repensemos e revivamos novas relações com o tempo, corremos ainda mais o risco de cedermos à preponderância da superficialidade com medo de nos agarrarmos aos grilhões de Saturno.

Palavras iniciais

Na casa da poetiza paulistana Hilda Hirst havia um relógio sem ponteiros em que estava escrito no papel circulado de número “é bem mais tarde do que você imagina”. A pressa e o atraso são falas recorrentes de milhões de cidadãos que vivem apertados entre um dígito e outro do relógio. Parece-nos que o mundo está atrasado, pois todos correm desesperadamente atrás dos horários que marcam os compromissos, os prazos, as realizações do futuro.

Comigo não foi diferente: ao receber este convite para estar aqui com vocês hoje, celebrando a abertura de mais um curso de Licenciatura em Dança no Brasil, pus-me a correr: correr para verificar voos, para arrumar a papelada, para preparar esta conversa de hoje. Quando me deparei com o tempo que tinha e o que necessitava, desejei – no mais profundo e consciente senso comum - que “o dia tivesse mais de 24 horas”. Mas seria isso mesmo? Mais horas no dia resolveriam nossa pressa, nossos atrasos, nossas correrias?

Resolvi, então, debruçar-me mais uma vez sobre a questão do tempo, das vivências contemporâneas de tempo, e dedicar essa conversa ao que temos de mais precioso: nosso tempo de dançar – e de viver.

Vocês têm pelo menos mais quatro anos pela frente até terminarem o curso de Licenciatura. Isso é muito ou é pouco tempo? Considerando-se as vivências e as premências contemporâneas, isso é uma eternidade. Olhar para frente e vislumbrar mais quatro anos de estudos em um mesmo lugar pode assustar a qualquer um. Por outro lado,

¹ Aula inaugural proferida no Curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009. Publicado em Cadernos do LINCC, v. 1, p. 9-21, 2009.

o que são quatro anos na vida de um profissional? Para quem já tem mais de vinte na profissão, quatro anos são simplesmente um – importante – início.

A maioria dos estudantes de dança com quem vocês trabalharão nas escolas terá, no máximo, uma hora de dança por semana, por um curto período da vida, e só. Uma hora semanal é muito ou é pouco tempo? Vocês provavelmente me responderão que “depende”. Mas, depende de quê? De quem?

Professores preparados e conscientes do vastíssimo leque de conteúdos da Dança e de suas possibilidades nas escolas com certeza responderão que esse tempo é exíguo, mínimo, insuficiente. Por outro lado, para crianças e jovens que vivem a era da rapidez, tempos de correria, uma hora em sala de aula pode ser uma eternidade.

Quando, agitados e frenéticos – tomados pela era da rapidez – estudantes não respondem positivamente às propostas do professor de dança; quando estudantes não dançam, só gritam, brigam, sobem pelas paredes, uma hora de aula estende-se insuportavelmente dentro de nós. Ao contrário, quando há proposta, envolvimento, motivação, ação, uma hora de dança por semana jamais bastará.

É sobre essas e outras questões relativas ao tempo e à dança que gostaria de conversar com vocês. Como trabalhar com as questões de tempo de aula, tempo do aluno, tempo da dança, tempo contemporâneo, tempo.

A rapidez no cotidiano

“Apressa-te lentamente”, nos recorda Italo Calvino (1990) em suas “Seis propostas para o próximo milênio”.

Com a máxima latina, Calvino também nos convida a refletir sobre a rapidez como um valor a ser acarinhado e explorado na construção literária, e, portanto, na arte e na vida. Com Calvino, podemos chegar à conclusão de que a rapidez deveria ser um dos elementos constituintes das práticas e reflexões da arte contemporânea e, conseqüentemente, da Arte na escola.

A sensação de que o cotidiano se constitui em não mais do que em um correr atrás do tempo parece inerente ao ser/estar contemporâneo. As fascinações pela rapidez, pela velocidade, pela instantaneidade, pela fugacidade marcam profundamente as ambições e as buscas dos cidadãos que fazem a contemporaneidade.

A rapidez é a marca da eficiência, a velocidade da coragem, a instantaneidade da esperteza e a fugacidade é a marca do brilhantismo. Corpos devem ser rápidos, mentes

devem ser velozes, equipamentos devem ser instantâneos, pensamentos devem ser fugazes. Fórmulas de sucesso! – que também serão passageiras.

Quem quer esperar na fila? Quem aguenta ouvir uma história enrolada? Quem aceita um espetáculo que dure mais de 60 minutos? Quem não se desespera com a internet lenta? Quem não dorme com a sensação de estar perdendo tempo? Quem não fica entediado com um discurso de mais de meia hora? Quem fica diante de uma pintura por mais de 20 minutos? Quem consegue meditar por mais de uma hora?

Pensando no ensino de dança: Que criança consegue se envolver em uma atividade de dança que dure mais de 10 minutos? Quem aguenta uma aula inteira de dança sem músicas aceleradas e variadas?

Que crianças gostam de estudar o “tempo prolongado” sugerido por Laban? Que professores suportam reuniões pedagógicas que duram a manhã inteira? As teorias que permanecem por mais de dez anos são ainda válidas, ou temos de mudar, mudar, “modar” (seguir a moda), pois “o tempo passa”? “A fila anda”?

Paradoxalmente, o desejo mais profundo de milhões de trabalhadores no ritmo frenético dos centros urbanos é uma aposentadoria, um feriadão tranquilo, um minutinho de paz junto à família. No entanto, arrumamos mais trabalho e mais horários quando nos aposentamos, levamos nossos *laptops* e celulares com internet para as viagens de fim de semana, planejamos mil e um passeios e atividades para fazer com a família e não os realizamos no tempo.

Nas aulas de dança, crianças que demoram a compreender o que foi proposto em geral irritam os colegas e os professores. Estudantes que fazem tudo mais devagar ficam para trás, são taxadas de lesos, lerdos, lesmas. Professores em geral têm preguiça de fazer o registro crítico das aulas, pois leva tempo, é um tédio. Elaborar, refletir, refazer para transformar leva tempo, é uma chatice, dizem. Temos a impressão de que ninguém suporta mais a lentidão, o tempo distendido, a espera.

Mas, na era da rapidez, o tempo prolongado, distendido, as esperas devem ser desconsiderados, descartados? Estudantes que não sabem esperar sua vez interferem negativamente no desenrolar das aulas. Trabalhos coreográficos amadurecem com o tempo, ficam melhores, mas completos, mas consistentes. Pesquisas necessitam tempo de investigação e de elaboração para que façam sentido.

No cotidiano da sala de aula, principalmente das aulas de dança, há corpos em desenvolvimento que necessitam de tempo para compreender, fazer, transformar as propostas dos professores. Copiar um exercício ou uma coreografia é um processo

relativamente rápido, criar e transformar o que foi proposto pelos professores ou pela tradição é bem diferente – exige concentração, pesquisa, experimentação, ensaio, limpeza, amplitude de tempo.

Improvisar louca e repentinamente qualquer coisa é rápido, fugaz, não entedia – mas não é necessariamente interessante ou significativo. Improvisar a partir de uma proposta, refletir sobre o que foi feito, revisitar as qualidades do movimento exploradas exige motivação, aprofundamento, tempo.

Essa discussão nos leva a refletir, na verdade, não sobre a preponderância da rapidez e o desaparecimento da lentidão. Tampouco sobre o resgate do tempo distendido em detrimento da rapidez contemporânea. Não se trata aqui da apologia de um ou de outro, mas sim, de pensar como, na era da rapidez, é possível lidarmos com necessidades de vivências temporais diferentes que exigem os processos de ensino e aprendizagem. Talvez seja interessante refletirmos sobre a máxima proposta por Calvino – como podemos nos apressar lentamente nos cotidianos do ensino e da dança?

A rapidez nas aulas de dança

A rapidez a que Calvino se referia como um valor para o próximo – este – milênio já é um fato, não mais um desejo ou uma suposição. No século XXI, a rapidez não está relacionada somente à posse de objetos – celulares, computadores, internet – com andamentos rápidos, ela é um conceito. As vivências rápidas do tempo são irrevogáveis. Podemos, no entanto, compreender, problematizar, criticar e transformar nossas vivências de tempo e, com elas, nossas concepções de dança, nossas práticas de ensino. O tempo não muda, nossa forma de vivê-lo, sim.

Calvino traz em suas reflexões as qualidades da rapidez em que acredita: a agilidade, a mobilidade, a desenvoltura. Trabalha com as ideias de velocidade, leveza, flexibilidade. Estas são também as características de Mercúrio, deus grego da comunicação, da destreza, das trocas, da alquimia. Mercúrio, pés alados, é leve e aéreo, desenvolto, hábil e ágil. Mercúrio é o retrato do tempo atual, em constante movimento.

Conforme bem nos lembra o próprio Calvino, as características de Mercúrio se opõem às de Saturno: melancólico, solitário, contemplativo, lento. Saturno é o pré-tempo, a eternidade. Sem desprezar o tempo saturnino, Calvino nos sugere que o século XXI deveria se pautar na leveza e na rapidez mercuriais.

Saturno é Cronos, o tempo, implacável, contínuo; aviso de tempo que não passa, pois não há movimento nem transformação. Tempo é movimento construído na dinâmica

passado-presente-futuro e Saturno, com o intuito de não permitir que esta dimensão tempo-movimento exista, come seus filhos. Ao engolir os filhos, Saturno impede que essa dinâmica aconteça, perpetuando a imobilidade do tempo que se transformaria com a vinda dos filhos: as novas gerações fazem com que o passado exista, com que surjam novas perspectivas futuras (BRAZIL, 2001).

Aulas de dança que miram somente a continuidade e a perpetuação no tempo, por exemplo, aulas de repertório, exercícios com cópia, sequências coreográficas prontas, podem também ser inexoravelmente pesadas, eternas, pré-tempo, quase mortas, como o tempo saturnino. Aulas de dança que prezam o tempo saturnino são aquelas que não prezam a transformação, pois são aquelas que também não prezam o fluxo do movimento. Aulas saturninas são ministradas por professores que preferem “engolir” seus estudantes a dialogar com eles e com as concepções de tempo, de espaço e, portanto, de dança, que trazem consigo na perspectiva de movimento e transformação.

Em geral, essas aulas saturninas trazem propostas pedagógicas que se alimentam de perpetuar técnicas outrora consideradas universais e bases para a dança; são aulas que se resumem a repetir eternamente repertórios tradicionais somente com o intuito de preservar a cultura e a história; aulas que se utilizam de metodologias que não conversam com os estudantes da era da rapidez.

Aulas de dança que estou aqui chamando de saturninas são aulas voltadas para o passado, para uma história estática, para uma pedagogia que não incorpora os contextos das danças e dos estudantes que vivem no tempo presente. As aulas que revelam práticas de dança que não reconhecem o presente, os estudantes e suas vivências; que são incapazes de propor relações críticas entre histórias passadas e vivências presentes, essas aulas estão fatalmente fadadas à melancolia e ao isolamento saturninos.

Há, no entanto, aulas de dança que não se prendem ao passado, mas, ao contrário, se limitam a projetar o futuro. Aulas somente projetadas no futuro tampouco permitem que as vivências de tempo se transformem. Por exemplo, aulas em que os exercícios técnicos, somáticos ou criativos são repetidos muitas vezes e tomam a maior parte do tempo da aula como “preparação” para a dança propriamente dita (sequências ou criação) que será proposta nos últimos cinco minutos da aula.

Ou então, podemos pensar nas aulas semanais que se resumem a ensaiar para o espetáculo no final do ano, ou para um exame importante no final do semestre. Novamente, as aulas são somente “preparação” para a dança propriamente dita que se realizará depois, no futuro. A projeção no futuro sem que haja uma conexão com o

presente perpetua também um tempo estagnado, sem mobilidade, sem desenvoltura, sem transformação – sem vida. As aulas com ênfase no futuro projetam somente o que está longe, e isso demora, não transforma.

Na mitologia grega, Saturno é destronado por Zeus, pai de Mercúrio, abrindo espaço para outra vivência cotidiana – a da leveza rápida, descontínua, comunicacional, alquímica. Mercúrio traz a possibilidade de transformar a ação como um valor e, portanto, a possibilidade de movimento como característica das vivências de tempo. Mercúrio é rápido, as asas nos pés indicam contato com a transcendência. Ganha de Apolo o cetro que conduz as almas na passagem do tempo. Mercúrio traz a possibilidade de comunicação entre o passado, o presente e o futuro. O tempo mercurial dialoga com as dimensões de passado, presente e futuro de forma alquímica, ou seja, inter-relacionada, transformadora, transcendente (BRAZIL, 2001).

Quero aqui relacionar a mitologia grega e as reflexões filosóficas mais recentes sobre o tempo na contemporaneidade. Vários autores apontam o presente perpétuo como uma das marcas das vivências temporais contemporâneas. Isso quer dizer que não vivemos mais *em função* do passado ou do futuro, como outrora. Vivemos o tempo presente.

Com esse ponto de vista poderíamos cair no entendimento de que as aulas de dança deveriam deter-se somente às experiências presentes e presenciais. Um exemplo desse tipo de concepção de aula são as aulas de improvisação que só levam em conta a expressão dos estudantes no momento em que acontecem. Essas são aulas, em geral, atreladas ao propósito do *laissez-faire* e que não se comprometem com resultados ou com históricos anteriores.

Nesses casos, a supervalorização do presente, também supervaloriza o processo. Não raramente, essas são aulas desenfreadas de autoindulgência sem compromisso artístico, estético ou educacional. O compromisso com a arte e com a educação, no entanto, exige um diálogo mais complexo e mais crítico entre as perspectivas de tempo passado, presente e futuro.

As aulas de dança que não consideram vivências passadas nem futuras nos remetem às penas que herói grego Orfeu descreve em sua passagem no Hades (mundo inferior dos gregos, outro mundo completo e infinito, pós-morte) em busca Eurídice: o tempo só passa, permanecendo – Sísifo rola uma pedra montanha acima que, ao chegar ao ápice, retorna ao pé da montanha; danaides tentam ininterruptamente encher de água um tonel que não tem fundo, e assim por diante.

Ao contrário disso, entendo o presente perpétuo contemporâneo não como a anulação do passado ou do futuro, mas sim como a dimensão tempo construída pelo diálogo permanente entre passado, presente e futuro tendo o presente como referência. Nessa perspectiva, devemos compreender o passado, para viver o presente. Da mesma forma, devemos viver o presente para projetar um futuro.

Em épocas de presente perpétuo, é vital compreendermos que o que realmente importa é o dia de hoje, o presente, *contanto* que conectados ao passado e ao futuro. Assim, nossas aulas de dança poderão ser mercuriais: com ênfase na comunicação, na troca, no diálogo ágil e leve – as aulas de dança poderão ser transformadoras.

As aulas de dança a que me refiro aqui como mercuriais têm como ponto de partida e de chegada um constante perguntar – ou aquilo que Paulo Freire (1982) chamou de problematização. Problematizar não quer dizer criar problemas ou ser problemático, ao contrário disso, problematizar é levantar questões, perguntar, indagar para sairmos do senso comum, para podermos nos relacionar com o mundo criticamente. A educação problematizadora tem como alicerce o potencial criativo e transformador do ser humano e, portanto, nasce da curiosidade pelo conhecimento, ou da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996).

A educação problematizadora nutre-se da pergunta, da indagação, do questionamento e da dúvida. Por isso, a educação problematizadora tem como pressuposto a humildade, o ato de reconhecimento do não-saber, o gosto pelo conhecimento aberto e inacabado. A educação problematizadora, em última instância, nutre-se do movimento, do tempo mercurial.

Pensarmos o ensino de dança no tempo mercurial e do presente perpétuo em uma perspectiva problematizadora implica conhecermos as histórias e culturas corporais dos estudantes, as histórias da dança, as trajetórias pessoais como professores, para que possamos construir nossos currículos e programas. Precisamos, também, conhecer nossos sonhos e buscas, perguntar sobre os planos e desejos futuros dos estudantes em relação à dança e perante o mundo, traçar um devir para que as aulas presentes tenham perspectivas e façam sentido.

Mas como pensar essa perspectiva de tempo nas salas de aula relacionando-as à rapidez sugerida por Calvino como um dos marcos desse milênio? Como fazer com que a pressa não seja inimiga da perfeição? A rapidez como valor pode gerar afobação, ansiedade, *stress*. A rapidez pode trazer também o *non-sense*, a superficialidade, a ingenuidade freiriana, a falta de crítica, de reflexão e de aprofundamento.

Calvino nos traz a sugestão de que a rapidez deve estar intrinsecamente relacionada à concisão e ao foco que trazem a complexidade, a profundidade, a unidade. Em suas propostas, a rapidez não diz respeito à fugacidade ou à afobação, mas sim à capacidade de dizer muito, bem e significativamente de forma concisa e precisa. Calvino preza a mobilidade que a rapidez permite, sem, contudo, permitir que a mobilidade se transforme em insipiência, em superficialidade. Escritor, Calvino preza o conto – sem desprezar o romance. O bom conto, afirma, traz a concisão e o foco que permitem profundidade, a complexidade e a unidade.

Ao transpormos o raciocínio de Calvino para as aulas de dança, indagaremos sobre a necessidade de ensinarmos dança com ênfase na capacidade de sintetizar ideias e práticas em curtos períodos de tempo – o tempo da aula. Dessa forma, corpo e pensamento podem voar livremente, desenvolvos, ágeis e, ainda assim, consistentes e com sentido. Penso que ao mesmo tempo em que cada aula está relacionada com a anterior ou com a seguinte – o que garante a continuidade, o amadurecimento e o desenvolvimento – aulas, como em contos, deveriam construir sentido em si mesmas.

Entendo aulas sob a perspectiva da rapidez sugerida por Calvino como aulas em que forma e conteúdo estejam conectados. Ou seja, aulas em que caminhos e trajetórias – portanto metodologias – logrem a concisão e o foco na abordagem dos conteúdos. Estamos pensando, basicamente, em relacionar essa forma, ou as metodologias, a escolhas precisas de conteúdo – sem encher linguiça, sem conteúdos desnecessários, sem propostas ambíguas ou confusas.

Em suma, sugiro que o encaminhamento das propostas em aula devem partir de escolhas *focadas* em conceitos claros da linguagem da dança que permitam o diálogo entre as histórias e vivências passadas, presentes e futuras dos estudantes. Sugiro que pensemos essas trajetórias metodológicas como uma rede de relações dialógicas entre tempos e conteúdos (Marques, 2008).

A escolha da abordagem metodológica é peça chave nesse diálogo, pois é base para traçar – concisamente ou não – os caminhos das aulas e assim, permitir ou não aos estudantes as vivências de seu tempo, do tempo presente.

Palavras finais

Ensinar e aprender é um processo longo, contínuo, mas não precisa ser lerdo, imóvel, eterno. O corpo e a arte têm continuidades necessárias para o aprendizado,

aperfeiçoamento e crítica, mas esse aprendizado não precisa ser pesado, enfadonho, parado, imóvel.

Podemos em sala de aula de dança propor metodologicamente um jogo permanente com as diferentes dimensões temporais (passado, presente, futuro) de modo a viver substancialmente a rapidez contemporânea que permite a complexidade, o aprofundamento, o nexos – ou seja, que permite a construção crítica do conhecimento. “Apressa-te lentamente”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brazil, Fábio (2001). Anotações do curso *Espelho de Medusa*. Caleidos Arte e Ensino, São Paulo.

Calvino, Italo (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras.

Freire, Paulo (1982). *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra. 5ª. ed.

Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

Marques, Isabel (2008). *Ensino de dança hoje*. São Paulo: Cortez. 5ª. ed.

